

Na cidade : 3 mezes, 500
reys. Fora da cidade : com
acrescimento das estampilhas.
Anuncios : na primeira
vez 20 reis por linha. Na
repetição 10 rs.

O BRADO LIBERAL

Na typographia d'esta fo-
lha, rua Nova de Sousa,
n.º 45.

Direcção jornalística, rua
das Aguas, n.º 84.

COMMEMORAÇÃO BRACARENSE

DO

Anniversario quadregesimo segundo do Desembarque do Exercicio Libertador
de Portugal nas praias do Mindello no Minho

EM

8 DE JULHO DE 1832.

[8 julho 19

« E julgareis qual é mais excellente,
« Se ser do mundo rei, se de tal gente.
CAMÕES — Lusíadas.

É hoje o quadregesimo segundo anniversario do desembarque do Exercicio Libertador de Portugal nas praias do Mindello, em S. Salvador de Lavra n'esta provincia do Minho, no sitio cognominado Arnosa de Pampelido.

Commandava esta Fôrça Expedicionaria o Godofredo da Liberdade Portugueza, o Rei-Soldado D. Pedro de Bragança: e veio recuperar com ella o throno usurpado a sua Augusta Filha D. Maria da Gloria, e occupado então pelo Infante Perjuro D. Miguel Maria do Patrocinio, ingrato para seu Augusto Irmão e para sua Augusta Sobrinha.

Tinha o Exercicio Libertador levantado ferro na praia de Ponta-Dealgada na ilha Terceira, em 27 de Junho de 1832, na volta das 2 horas da tarde: e teve sempre a mais prospera viagem até o ultimo dia d'ella em 7 de Julho, em que a Frota Auspiciosa dos destinos da nossa Patria andava bordejando nas alturas de Villa do Conde, na volta das 10 horas da manha.

Parece que d'estes nossos Defensores da Liberdade estava cantando propheticamente o dulcissimo Camões, na sua epopèa immorredora dos Lusíadas:

Tam brandamente os ventos os levavam,
Como quem o ceo tinha por amigo!
— Sereno o ar, e os tempos se mostravam,
Sem nuvens, sem receio de perigo!

Compunha-se a Expedição Liberal de 2 fragatas, 1 corveta, 2 brigues, 4 escunas, e 40 transportes, contendo 3 brigadas d'artilleria de campanha, e 8:300 homens ao todo, de que eram apenas combatentes em parada uns 7:500 bravos do progresso.

Comprehendiam-se n'esta Fôrça Auspiciosa 541 officiaes, 461 inferiores, 183 musicos e tambores, e 7:304 cabos, anspeçadas, e soldados, incluindo-se n'elles 800 praças de prisioneiros miguelistas das ilhas de S. Miguel e Terceira.

O exercito miguelista compunha-se ao todo de 79:525 infantes, e 3:791 cavallos: e na Cidade Augusta do Porto, baluarte inexpugnavel da Liberdade, achava-se então á testa d'uma grande divisão do Usurpador o visconde de Sancta Martha, que fugiu com ella toda sem disparar um só tiro, sabido que fôra o Arrojado Desembarque de D. Pedro.

A guarnição do brigue de guerra Conde de Villá-Flôr foi a primeira que saltára em terra, e cravára no solo com enthusiasmo a bandeira da Liberdade Portugueza.

Com o general miguelista do Porto abandonaram igualmente a Cidade Eterna as au-

toridades civis, militares, e ecclesiasticas do usurpador, acompanhadas d'immensos partidarios do absolutismo, que alli se tinham acolhido durante o seu reinado ominoso.

N'esta epocha tyrannica, nunca esquecida dos Martyres da Liberdade, excederam-se em Portugal, á sombra da Religião, as proscricções dos Marios e Syllas em Roma, como consequencia natural do perjuro aleivoso do usurpador.

Em 3 de Julho de 1827 foi o infante D. Miguel nomeado regente de Portugal, e logar-teneste de seu Augusto Irmão D. Pedro d'Alcantara: e como tal prestou D. Miguel JURAMENTO SOLEMNE perante as Côrtes no paço da Ajuda, invocando o Sacrosancto Nome de Deus, em 26 de Fevereiro de 1828!

Em 30 de Junho d'este ultimo anno, esquecido de si como homem e como christão, e ingrato e perjuro para com o Augusto Irmão, declarou-se Rei Absoluto de Portugal: e acobertou-se para isso hypocritamente á sombra de leis que fizera interpretar a seu talante, nas Côrtes que em 3 de Maio anterior convocára, no intuito d'usurpar o throno legitimo de sua Augusta Sobrinha!

« Durante a sua usurpação ominosa, scenas atrozes de vindicta fraticida ateam por todo o Portugal as fogueiras do despotismo».

« Desde 1828 a 1834, atulham-se d'innocentes os carcereiros do paiz: enchem-se de martyres da liberdade os arcaes da Africa: e alastram-se de cadaveres de progressistas os estrados dos patibulos do reino!»

« Nesse reinado de tyrannia infrene, condemna-se o pensamento como se fôra um crime: e pune-se a fidelidade como se fôra um delicto!»

« O facho da discórdia civil, assoprado dos altares e dos pulpitos, e ateado nos confessionarios, não topa vinculo social que não abraze, nem desfaça para logo em fumo e cinza!»

« Parece que d'este Barbaro Rei Intruso, d'este Usurpador Perjuro D. Miguel I, espadanador atroz do sangue liberal desde 1828 a 1834, esteve cantando propheticamente o dulcissimo Camões, na sua epopèa immorredora dos Lusíadas:

« E' porque queres, aspero e tyranno,
« Tuas aras banhar em sangue humano.

« Foragido então de Portugal o genio da Liberdade, com uns poucos de bravos do progresso, fô acoutar-se no cimo d'um rochedo na ilha Terceira, tendo por alicerce o Oceano e o ceo por tecto, com a immensidade d'ambos em derredor de si».

« Cesse tudo quanto a antiga musa canta,
« Que outro valor mais alto se alevanta.

CAMÕES — Lusíadas.

D'alli, d'aquella ilha memoravel, é que o Godofredo do seculo XIX, o Moyses das Tabuas da Lei da Liberdade, o nunca esquecido D. Pedro d'Alcantara, postado á frente dos cruzados corajosos do progresso, viera em nome da civilisação desembarcar em 8 de Julho de 1832 nas praias boreaes do Minho pelas 2 horas da tarde».

« Foi d'estas praias famosas, que o Libertador de Portugal partira no dia immediato para a cidade invieta do Porto, firmando o Capitolio da Liberdade n'aquelle Berço d'Heroicidades, émulo d'Ostende, e rival de Numancia e Sagunto».

Salve! Glorioso dia 8 de Julho de 1832!

Foste tu, Dia Fausto nos Annaes da Liberdade, que deste origem a obrigar em 26 de Maio de 1834, pela Convenção d'Evoramonte, a sahir de Portugal para sempre o usurpador D. Miguel—despota embarcado para o estrangeiro no porto de Sines em 1 de Junho immediato, depois de ratificar a mesma Convenção em 28 do mesmo mez de Maio por uma Declaração Explicita do seu proprio punho.

Foste tu, Dia Radiante nos Annaes de Portugal, que deste origem a declarar-se inhabil para o throno lusitano o Infante D. Miguel, assim como qualquer DESCENDENCIA SUA, em virtude da Lei de 18 de Dezembro de 1834, depois de privado o mesmo Usurpador até das honras d'Infante por Decreto de 17 de Março de 1834.

Salve! Dia jamais esquecido dos Martyres da Liberdade, e hoje mais que nunca: « porque os partidarios ferrechos do retrocesso, acobertados com as vestes da Religião que deshonram, procuram vêr se restauram de novo as fogueiras horriveis da Inquisição com todos os excessos e desvarios da intolerancia, conspirando contra todos os liames do progresso, e contra todas as conquistas benéficas da civilisação!»

Braga, a capital aprazivel do Minho, saúda com enthusiasmo, e festeja calorosamente, o anniversario quadregesimo segundo da restauração da nossa Liberdade.

Commemora no dia d'hoje, como tem de costume, o anniversario festivo do desembarque do Exercicio Libertador nas praias do Mindello, não para excitar odios partidarios entre nós, mas para não deixar esquecer a iniciação da Liberdade que fruimos.

E' n'este intuito nobilissimo, que Braga saúda jubilosa, entre harmonias de musicas e estrondear de foguetes, o Dia Faustissimo da Restauração Portugueza contra a Usurpação Miguelista, o DIA GLORIOSO 8 DE JULHO DE 1832.

PROCLAMAÇÕES DO DUQUE DE BRAGANÇA

NA OCCASIAÇÃO DO DESEMBARQUE DO MINDELLO



SOLDADOS!

Aquellas praias são as do malfadado Portugal! — allí vossos paes, mães, filhos, esposas, parentes e amigos, suspiram pela vossa viuda, e confiam nos vossos sentimentos, valor e generosidade. — Vós vindes trazer a paz a uma nação inteira, e a guerra somente a um govêrno hypocrita, despotico e usurpador. — A empreza é toda de gloria: a causa justa e nobre: a victoria certa.

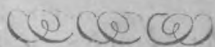
Os vossos companheiros d'armas virão engrossar as vossas fileiras, e ambicionarão a honra de combater ao vosso lado: — e se alguns ainda houver, que — desacordados — pertendam continuar a defender o despotismo, lembrai-vos que tendes deante de vós aquelles mesmos illudidos portuguezes, que na villa da Praia fugiram da presença do vosso sangue frio, e da vossa coragem.

Vencedores de S. Miguel e de S. Jorge! de quem, nem os combates da villa das Vellas, da Ursellina e da Calhêta, nem a posição inexpugnável da Ladeira da Velha puderam conter o entusiasmo e a valentia! — Allí tendes a patria que vos chama: allí achareis a recompensa de vossos serviços; o termo dos vossos soffrimentos; o complemento da vossa gloria.

Soldados! — Seja o vosso grito de guerra: Viva a Senhora D. Maria II, e a Carta Constitucional! — Seja o vosso timbre: Protecção aos inermes, generosidade aos vencidos.

D. Pedro, Duque de Bragança.

VIVA A LIBERDADE!



PORTUGUEZES!

E' chegado o tempo de sacudir o jugo que vos opprime. — A' frente do exercito libertador, que tenho a gloria de commandar em chefe, eu vos offereço a paz, a reconciliação, e a liberdade.

Vinde, portuguezes de todas as classes e opiniões, univros ás bandeiras da vossa legitima rainha a Senhora D. Maria II. — Animai-vos. — Contai com a minha protecção. — Não hesiteis um só instante. — Salvai a vossa honra em quanto é tempo. — Estai certos que cumprirei, fielmente, as promessas que vos fiz no meu Manifesto.

Livrar a humanidade opprimida; restabelecer a ordem; restaurar o throno legitimo de minha Augusta Filha, e com elle a Carta Constitucional que vos dei, e vós livremente jurasteis — eis os motivos que me movêram, confiado na vossa cooperação, a pôr-me á testa de tam nobre e justa causa. — São estas as minhas unicas vistas.

Meu unico interesse é a gloria e o vosso bem. — Nem outro podia ser o do chefe da serenissima casa de Bragança, descendente primogênito dos vossos reis, e que espontaneamente abdicou para sempre duas corôas.

Portuguezes! — Entrai nos vossos deveres. — Proclamai novamente os inaufereveis direitos da vossa soberana, e a Carta Constitucional. — Aproveitai-vos do soccorro, que venho prestar-vos. — Ajudai-me a salvar a patria, que me viu nascer. — Mostrai ao mundo, que não sois traidores; que não sois perjuros; que estaveis constrangidos; e que sois dignos de gosar d'aquella liberdade, que vos é garantida na mesma Carta.

Não vos deixeis illudir por aquelles que vos pintam o govêrno constitucional, como inimigo da nossa sancta religião: — esses são decididamente hypocritas, que se valem da mesma religião, para abusarem da vossa boa fé. — A protecção e o respeito á religião de nossos paes é, e continuará a ser, um dos meus principaes cuidados e do govêrno.

Não temais vinganças particulares: os soldados que me seguem, obedecem á minha voz. — Ninguém será privado, nem da sua vida, nem dos seus direitos civis, nem das suas propriedades: — de nenhuma d'estas garantias gosais actualmente debaixo do govêrno usurpador.

Ministros do altar! militares de todas as graduções! portuguezes em geral! abandonai immediatamente o usurpador. — Não queirais, por vossa obstinação, introduzir a guerra civil, que eu desejo evitar, no malfadado Portugal, já cançado de tanto soffrer, exhausto de todos os meios, e reduzido ao ultimo apuro de miseria e d'aviltamento. — Lembrai-vos que vossos maiores se engrandecêram, e tiveram nome na historia; porque souberam apreciar a liberdade. — Não me obrigueis a empregar a força para vos libertar. — Não percais uma tam boa occasião de mostrar ao mundo, que ainda sois dignos de formar uma nação livre. — Concorrei pela vossa parte para derribar a tyrannia; acabar com os horrores do mais feroz despotismo; estabelecer a paz, a reconciliação, e a liberdade.

Reflecti, e decidi vos.

D. Pedro, Duque de Bragança.

LEAES HABITANTES DA CIDADE DO PORTO!

A impressão agradável que em mim tem feito o interesse verdadeiro que tendes tomado pela justa causa de minha Augusta Filha, e pelo triumpho da Carta Constitucional, corresponde á idéa que eu havia formado da vossa lealdade e do vosso patriotismo: e a adhesão que manifestasteis hoje áquelles dois sagrados principios, e á minha imperial pessoa, penhoram por extremo o meu coração.

Illustres portuenses! — pela vossa conducta pacifica em tam extraordinarias circumstancias, e no calor do vosso entusiasmo, provasteis mais uma vez, que sois dignos de gosar dos beneficios d'um govêrno livre e justo: — as vossas esperanças não serão illudidas.

Recbei, pois, fieis portuenses, em nome da Senhora D. Maria II, minha Augusta Filha e vossa rainha, e em meu nome, a expressão do mais vivo agradecimento: e tende por certo que, se os vossos sacrificios têm sido grandes, grande ha de ser a recompensa que a historia vos prepara: e que, se tendes sido victimas d'um despotismo feroz e sanguinario, um govêrno de mansidão e de justiça vem comigo cerrar as feridas rasgadas pela oppressão e pela tyrannia.

D. Pedro, Duque de Bragança.

VIVA A LIBERDADE!



O AUGURIO DA LIBERDADE.



Travou-se a lucta suprema!

.....
Não vences, não, despotismo!

PINHEIRO-CHAGAS.

E o mar bramia ao longe :

— « Oh beijo do Occidente!

« oh terra do mysterio! oh berço da poesia!
« porque te pende a fronte eburnea e transparente?
« porque te cobre o rosto a sombra da agonia?

« És triste como o inferno! e o teu olhar parece
« o desvirado olhar do pária moribundo,
« que deixa a tenra prole, a porvindoura messe,
« orphã e sem ninguém nas solidões do mundo!

« Que bello eu te sonhei, poeta da fronte mesta!
« Que aurora! que porvir, oh desgraçado illote!
« E agora eis-te sem luz, monarcha da floresta,
« eis-te sem Evangelho, oh rude sacerdote!

« Onde esse aureo sonhar? oh cavalleiro andante
« que tanta vez beijaste o solo da palmeira,
« em que abysso fatal, em que bátrathro hiante
« repousa essa visão ardente e feiticeira?

« Morreste?! No teu labio immaculado e puro,
« que foi outr'ora a luz, o sol da humanidade,
« scintilla vacillante o sonho do futuro,
« esplende tristemente a luz da Liberdade!

« Por toda a parte a fôrça, o lenho vil, maldicto,
« negreja triste e só nos campos e nas ruas!
« Ergue-te do jazigo e rasga o sambenito,
« quebra da gargalheira as lacerantes puas!

« Quero morrer por ti, oh perola sagrada!
« oh sol d'eterno amor, que a tyrannia odeia!
« mas quando a nova luz banhar immaculada
« a terra de Camões, o berço da epopeia!

« Heroes de oitenta e nove, atletas vigorosos,
« erguei-vos do sepulchro — o leito da bonança —
« mandae ao desgraçado os estros grandiosos,
« que deram luz e vida á desditosa França!...

« Ergue-te do jazigo e lança-te na liça
« altivo como um deus, ardente como um raio,
« e diz ao despotismo: eu chamo-me a Justiça!
« abaixo d'esse altar, estúpido laçao!...

« Em nome do Direito, em nome da Igualdade,
« em nome de Jesus — o pallido vidente —
« em nome da Razão, a luz da humanidade,
« ergue-te do sepulchro, aurora do Occidente!

« Se agora a tyrannia a escravidão exerce
« e abafa na masmorra a voz da consciencia,
« sê tu, oh miserando, o solido alicerce
« do templo do porvir, do templo da sciencia!...

Assim fallára o gigante,
o colosso omnipotente,
que circumda, eterno amante,
este vasto continente.
Assim fallára... E cahira,
como se um raio o ferira,
sobre as ondas moribundo.
Porem voltou á existencia
e consultou a consciencia
esse bátrathro profundo!

Estremecetu; que n'essa hora
algum Nélson atrevido
devassava, á luz da aurora,
o seu reino entumecido.
« Quem será? » Ergueu a fronte,
dominou todo o horizonte,
e sorriu d'omnipotente,
ao ver ao longe uma armada,
que vinha, de véla inchada,
para as terras do Occidente.

Bem assim como o bandido,
occulto em bosque deserto,
fita o olhar enfurecido
no viajante que yem perto;
e de lá, da sombra escura,
lhe aponta com mão segura
o longo arcabuz ao craneo;
tal o gigante esperava
a armada, que devassava
seu enorme supedaneo!

E vêm as naus cortando brandamente
o dorso azul do mar:
como cysnes que vinham docemente
nas aguas a boiar.

No mastereo a bicolor bandeira,
signal de redempção,
fluctua. Sorri á terra feiticeira
toda a tripulação.

A terra que das brumas em distancia
sorri d'eterno amor;
a terra amada, o seu paiz da infancia,
a immarcescível flôr.

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

E o colosso detem na mão possante
um vasto mar em ondas...

« Pobre gente! — murmura o grande Athlante —
« Vou sepultar-te n'este abysmo hiante,
« já que este abysmo temeraria sondas!

« Eis-te que chegas, raça condemnada
« a um cadafalso eterno!
« Gente pequena, geração ousada,
« vaes ficar para sempre sepultada
« nas voragens do inferno!»

Com uma voz enorme e rouquejante
« Quem sois vós?»

— perguntou o grande Athlante.

— Somos a Liberdade!
a esplendida epopeia!
a voz da humanidade!
o sol da Nova-Ideia!
Somos, oh monstro aquatico,
o verbo democratico,
tam forte como Deus!
mais rijo que a tormenta!
Astrors, descei dos ceos!
Nuvens, descei do espaço!
vinde beijar o traço
das nossas naus possantes!...
Nós somos os gigantes,
os Cyclopes modernos:
vimos livrar os mundos
d'horrificos infernos.
Vimos fazer a guerra,
bradar a Torquemada:
— podes fugir da terra;
que o teu imperio é nada!
Somos a Liberdade!
a esplendida epopeia!
a voz da humanidade!
a luz da Nova-Ideia! —

« Eu vos saúdo, ministros
« d'uma edade d'esplendores!
« Expulsae corvos sinistros
« d'essa terra de condores!
« — aves d'arrojo inaudito,
« que muitas vezes s'elevam
« ás solidões do infinito!...
« Que lindo paiz! é vél-o:
« por toda a parte boninas,
« e, mais alem, do Mindello
« as vecejantes campinas!
« E mais ao longe a cidade,
« que reflora ao Douro a estancia,
« a Ostende da Liberdade!
« nova rival de Numancia!
« — o Capitolio altaneiro
« d'um povo livre e guerreiro,
« que n'um heroismo ardente,
« magestatico, assombroso,
« roubou mais d'um continente
« ao meu reino tormentoso!
« Heis-de vencer; porque a historia,
« a virgem que vos inspira,
« já vos prepara na lyra
« os hosannas da victoria!
« Vencerá o retrocesso
« quem este abysmo venceu:
« tendes por guia o progresso —
« d'esta edade o Prometheu!»

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

Tempos depois a luz da nova aurora
illuminava os montes e a cidade!
A tyrannia, anniquilado o sceptro,
como lívido espectro
lá transpunha os umbraes da soledade;
e um povo inteiro, a quem a paz inflora,
salvava estrepitoso
o brilho radioso
da augusta Liberdade!

Braga, 8 de Julho de 1874.

Cunha Vianna.

Bravos do Mindello existentes ainda em Braga n'este anno.

MILITARES EFFECTIVOS.

O Coronel do Regimento d'Infanteria n.º 8 Sebastião da Motta Moniz da Maia, Cavalleiro e Commendador da Ordem d'Aviz, Cavalleiro da Cruz de S. Fernando da Hispanha, condecorado com a Medalha das Campanhas da Liberdade, a da Divisão Auxiliar da Hispanha, a do Valor Militar, a de Bons Serviços, e a do Comportamento Exemplar. — Desembarcou no Batalhão d'Infanteria n.º 3, pertencente ao Regimento Provisorio.

MILITARES NÃO EFFECTIVOS.

O Brigadeiro José d'Oliveira, Cavalleiro da Ordem d'Aviz, condecorado com a Medalha das Campanhas da Liberdade. — Desembarcou no Batalhão Sagrado.

O Coronel João Gomes da Silva Talaia, Cavalleiro da Ordem d'Aviz, condecorado com a Medalha das Campanhas da Liberdade. — Desembarcou no Batalhão Sagrado.

O Coronel José Antonio d'Oliveira Guimarães, Cavalleiro das Ordens de Christo, d'Aviz, e da Torre e Espada, condecorado com a Medalha das Campanhas da Liberdade. — Desembarcou no Batalhão de Caçadores n.º 2.

O Major Antonio de Simas Machado, Cavalleiro das Ordens de Christo, da Conceição, e d'Aviz, Cavalleiro e Official da Ordem da Torre e Espada, condecorado com a Medalha das Campanhas da Liberdade, a da Divisão Auxiliar da Hispanha, a do Valor Militar, e a do Comportamento Exemplar. — Desembarcou no Batalhão de Caçadores n.º 12.

CIDADÃOS EX-MILITARES.

Antonio Leite de Sousa Pereira, Escrivão de Direito na Comarca de Braga, Cavalleiro das Ordens de Christo, e da Torre e Espada, condecorado com a Medalha das Campanhas da Liberdade, a do Valor Militar, e a do Comportamento Exemplar. — Desembarcou no Batalhão de Voluntarios da Rainha.

Antonio Carlos d'Araujo Motta, Escrivão de Direito na Comarca de Braga, Cavalleiro e Official da Ordem da Torre e Espada, condecorado com a Medalha das Campanhas da Liberdade, a do Valor Militar, e a do Comportamento Exemplar. — Desembarcou no Batalhão de Voluntarios da Rainha.

LIBERAES !

Iluminemos esta noite as frontarias das nossas moradas em commemoração da solemnidade do dia !

Fiquem só ás escuras as moradas dos asseclas do retrocesso, mantenedores das trevas do passado, inimigos da luz do presente, anheladores do obscurantismo do futuro !

LIBERAES !

Iluminemos esta noite as frontarias das nossas moradas em commemoração da solemnidade do dia !

VIVA A LIBERDADE !

Commissão Permanente dos Festesjos Bracarenses Commemorativos do Desembarque dos Bravos do Mindello.

O Coronel João Gomes da Silva Talaia, Cavalleiro da Ordem d'Aviz, condecorado com a Medalha das Campanhas da Liberdade. — Presidente da Commissão.

O Tenente-Coronel José Elias d'Amorim, Cavalleiro da Ordem d'Aviz, condecorado com a Medalha das Campanhas da Liberdade, a da Divisão Auxiliar da Hispanha, e a do Comportamento Exemplar.

José da Rocha Veiga, Recebedor do Concelho de Braga, Cavalleiro da Ordem da Conceição, Official da Ordem da Torre e Espada, condecorado com a Medalha das Campanhas da Liberdade, a da Divisão Auxiliar da Hispanha, a do Valor Militar, e a do Comportamento Exemplar.

Antonio Carlos d'Araujo Motta, Escrivão de Direito na Comarca de Braga, Cavalleiro e Official da Ordem da Torre e Espada, condecorado com a Medalha das Campanhas da Liberdade, a do Valor Militar, e a do Comportamento Exemplar.

Antonio Gaspar Teixeira de Magalhaes, condecorado com a Medalha das Campanhas da Liberdade.

Custodio Mendes da Silva Braga, Cavalleiro da Ordem da Conceição, condecorado com a Medalha das Campanhas da Liberdade.

José Carlos d'Araujo Motta, Chefe de Secção do 1.º Districto do Corpo Auxiliar da Fiscalisação das Alfandegas, Cavalleiro das Ordens da Conceição, e da Torre e Espada.

Antonio Manuel Alves Costa, Secretario da Camara Municipal de Braga, Official-maior outr'ora de governo civil do districto, Egresso da Ordem Seraphica de S. Francisco.

FIGURAS DE CERA.

Na exposição de figuras de cera, estabelecida na rua do Souto n'esta cidade, desde as 10 horas da manhan até as 11 horas da noite, exhibe-se hoje 8 de Julho de 1874, no meio d'uma collecção variada de figuras modeladas por Augusto Maria Coelho Pinto, alumno da academia das bellas artes do Porto, e executadas por seu pae José Maria Coelho Pinto, o novo e bello Quadro Figurado do Desembarque dos Bravos do Mindello em 8 de Julho de 1832, com D. Pedro IV á sua frente, na occasião d'entregar ao Batalhão de Voluntarios da Rainha D. Maria II a Bandeira bordada pelas Damas da ilha do Fayal nos Açores, dando-a á primeira praça da 1.ª Companhia D. Thomaz de Mello Brayner, e hoje guardada no Archivo da Camara Municipal da Cidade Invicta do Porto.

ENTRADA 100 REIS.